

# **O enigma da escuta em experiência de mediação de leitura com crianças de 4 a 7 anos**

Paula Lebrão Lisboa

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito ao título de especialista em A arte de contar histórias: abordagens poética, literária e performática, oferecido pela Facon – A Casa Tombada, com orientação do Prof. Dr. Giuliano Tierno.

São Paulo - 2020

**Resumo:** *Este artigo visa refletir sobre o espaço aberto para a escuta na prática de mediação de leitura com crianças de 4 a 7 anos. A partir da leitura do livro “Pode Pegar!”, de Janaina Tokitaka, refletir sobre a experiência da leitura e da conversa após a leitura. De como podemos nos abrir para a troca de sentidos que um texto desencadeia em nós, em uma relação de parceria entre o mediador e as crianças.*

**Palavras chave:** *história, mediação, escuta, conversa*

**Title:** *The enigma of listening in a reading mediation experience with children aged 4 to 7*

**Abstract:** *This article aims to reflect on the open space for listening in the practice of reading mediation with children from 4 to 7 years old. From reading Janaina Tokitaka's book “Pode Pegar!”, reflect on the on the experience of reading and conversation after reading. How we can open ourselves to the exchange of meanings that a text triggers in us, in a partnership relationship between the mediator and the children.*

**Keywords:** *history, mediation, listening, conversation*

## **Introdução**

Este artigo tem como tema a reflexão sobre o exercício da escuta nas práticas de mediação de leitura no ambiente escolar, a partir de conversa realizada com quatro turmas de crianças de 4, 5 e 7 anos (duas turmas). Partindo da prática na biblioteca de uma escola particular da cidade de São Paulo, me proponho a refletir qual é o espaço oferecido às crianças - se é que ele existe - para a construção conjunta de sentidos e significados, através da experiência leitora.

Segundo Jorge Larrosa: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (Larrosa, 2002: 24). Eis então o primeiro desafio, lidar com a leitura como uma experiência, como algo que possa nos atravessar, nos transformar, que possamos com isso construir significados e ressignificar conceitos. Para isso é premissa que sejamos também atuantes no processo da leitura, tanto o mediador quanto a criança, não apenas receptáculos de ideias e interpretações vindas de fora, prontas e externas a nós. Que sejamos **todos** atuantes:

mediador e criança, educador e educando, sujeitos presentes, criadores de sentido, e não como “vasilhas” a serem “preenchidas” pela sabedoria que já está pronta.

Afinal, recorrendo ao mestre da libertação Paulo Freire, “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também” (Freire, 2019: 81).

Trago junto para essa conversa dois importantes pensadores, cujas palavras me emocionam. O sensacional Jorge Larrosa, filósofo da educação catalão, e Cecília Bajour, mestra argentina que nos ensina muito de tudo que envolve livros e literatura para crianças e jovens.

Para levar minha inquietação filosófica à prática educacional, escolhi o livro *Pode Pegar!*, da autora paulistana Janaína Tokitaka, publicado pela editora Boitatá (Tokitaka, 2017). Saio da experiência certamente transformada e trespassada, não com respostas mas com mais perguntas. Até onde vai nossa capacidade de ressignificar conceitos enraizados por séculos de cultura? Será mesmo possível abrir espaço de escuta real, ou seja, com verdadeira disposição ao embate de ideias? Como educadora eu sou capaz de realmente ouvir as crianças, sem forçá-las a pensarem como eu? Consigo permitir que as crianças existam em toda sua verdade? Como evitar que minha intenção apareça e transpareça para elas, como evitar minhas opiniões pessoais nas perguntas e nas minhas falas?

Então me apoio no sempre presente Walter Benjamin e boto fé que “aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (Benjamin, 1994: 200).

Sigamos, pois, essa história.

### **1. Sobre o que me levou à experiência com as crianças**

Venho de uma família de mulheres, todas falantes, eu sempre mais ouvinte. Lembro disso porque é até onde vou nas lembranças do porque o tema ESCUTA tanto me interessa. De porque considerar as diferentes opiniões, construir significados juntos, respeitar o olhar do outro que não é o meu, porque tudo isso me afeta, me soa tão precioso.

Eis que me vejo entre as crianças e os livros e sei o quanto aquele encontro pode me permitir ouvir vozes que nem sempre falam, conhecer pensamentos que talvez não fossem ditos. Ler e conversar sobre a leitura de maneira sincera e aberta, não para ensinar mas para compartilhar, construir significados juntos, buscar sentidos obscuros.

Para além do espaço de escuta que eu queria abrir nas conversas sobre leituras com as crianças, havia o desejo de com isso mexer em ideias polêmicas, conceitos rígidos, provocar questionamento onde geralmente já existem definições pré-concebidas. Devo ser sincera, meu desejo real era o de abalar as estruturas do patriarcado, confesso. “Bem, já que tenho uma poderosa ferramenta nas mãos, por que não aproveito essa oportunidade para ir além e mais um pouco?”. Mas a essa altura da vida já aceitei que abalar tais estruturas seculares não é coisa feita em poucos dias ou alguns anos. É preciso, regular e insistentemente, provocar pequenas rachaduras, dar uma leve chacoalhada, causar desconfortos onde acreditava-se estar tudo tão acomodado. E com leves chacoalhadas conseguimos aos poucos rever conceitos e ideias, especialmente quando temos como parceiras as mentes lípidas das crianças.

Pausa para mais uma confissão: se eu já tenho uma intenção com a leitura, é possível dizer que estou me abrindo para receber as diferentes interpretações das crianças?

*Escutar para reafirmar uma verdade que só olha para si mesma e espera a palavra do outro somente para enaltecer a própria palavra é a antítese do diálogo, e não raro comporta intenções de poder e controle sobre os sentidos trazidos à tona.* (Bajour, 2012: 24)

Apesar dessa pequena crise sobre minha própria intenção, segui em frente, focando o pensamento em como eu poderia encaminhar a conversa, como afinal intervir sem fechar sentidos, que perguntas fazer e como receber as diferentes respostas, mesmo que eventualmente divergentes das minhas ideias. Apesar dos meus desejos escusos de destruição do patriarcado, tinha (e tenho) a sincera intenção de estabelecer um diálogo com as crianças, sem poder ou controle sobre os sentidos que elas trouxessem à tona.

## **2. Sobre a escolha do livro**

Pra começar era preciso escolher um livro, “o” livro. Que fosse um livro firme o suficiente para provocar e flexível o bastante para envergar-se às diferentes impressões; que permitisse abertura, que deixasse espaço para reflexos e reflexões; um livro com cuidado estético artístico, que para além do *que* é dito tivesse também a preocupação com o *como* é dito, mostrado, ilustrado. Felizmente existem muitos bons livros para crianças por aí, posso dizer que sim. Tenho me debruçado sobre a produção de literatura para a infância há pelo menos 12 anos e a cada ano tenho a sorte de conhecer verdadeiras obras de arte em forma de livros ilustrados. Se existem tantos tão bons, mais ainda existem os ruins e por ruim me refiro, grosso modo, àqueles que trazem textos com linguagem

infantilizada, sem espaço, silêncio ou respiro, ilustrações estereotipadas, representações simplificadas, que não permitem qualquer abertura para interpretação do leitor.

Tudo começa na escolha e o livro que escolhi caiu em minhas mãos como quem sabia o seu destino. Desde o título ele já chega provocando: “Pode Pegar!” (Figura 1), escrito e ilustrado pela divertida autora paulista Janaína Tokitaka. Gosto muito da capacidade que a Janaína tem de fazer desenhos fofos com traços fortes, ser leve e ao mesmo tempo trazer algo mais, permitir que se vá além. Esse foi um livro que eu li e sorri por dentro, vislumbrando o tanto que sua leitura poderia provocar.

**Figura 1.** Tokitaka, 2017: capa



Um coelho e uma coelha crianças trocam suas roupas e acessórios pessoais, cheios de códigos sociais de gênero, e graças a essas trocas eles conseguem ampliar suas possibilidades de brincadeiras e interações com o mundo. É muito sutil, mas provoca. A provocação maior acontece no final, quando um grande coelho adulto, a princípio indignado com a bagunça, por fim também se diverte com a brincadeira (Figura 2).



**Figura 2.** Tokitaka, 2017: 32, 33

Não pretendo dedicar muitas linhas ao assunto, mas é preciso explicitar ao leitor menos familiarizado com as especificidades da literatura infantil, que estamos tratando aqui da leitura de um incrível livro ilustrado. Como tal, somente tendo o livro em mãos, de

forma a fazer a leitura completa de texto e ilustração juntos, é possível apreender a narrativa em sua totalidade.

*Em um bom livro ilustrado, uma história e o modo como ela se expressa estão perfeitamente ligados como um terno bem confeccionado no qual não se pode distinguir o tecido externo do interno. Tem-se até a impressão de que, sem esse modo particular de expressão, desde o começo, a história nem teria existido.* (Lee, 2012: 146)

Alguns pesquisadores têm se dedicado a destrinchar as peculiaridades dessa arte, a fim de demonstrar o quanto “o livro ilustrado constitui efetivamente uma forma específica de expressão” (Linden, 2011: 29). Vou aqui me limitar a levantar algumas poucas características que considero importantes de se ter em mente, uma vez que não será possível reproduzir a obra inteira do livro que trabalhei com as crianças.

No (bom) livro ilustrado tudo é escolhido, nada é por acaso. Desde a disposição do título na capa, as guardas, folha de rosto, formato do livro, tipo do papel, a disposição das imagens, a forma das letras, tipos de diagramação, o enquadramento, enfim, é uma obra inteira que se relaciona com seu leitor. Um leitor muitas vezes ainda não letrado, para quem o texto é lido em voz alta enquanto ele demoradamente aprecia as imagens.

Quanto às características do texto, pela diversidade de produção não seria possível definirmos uma única maneira de fazer. Mas a exemplo do livro “Pode Pegar!”, pode-se dizer que é característico do livro ilustrado um texto breve, inscrito em um suporte onde a imagem é preponderante. A diagramação é feita de maneira a articular texto e imagem, completando-se a unidade de sentido em uma mesma página, sem que o texto se estenda aleatoriamente para a página seguinte - se isso acontece, é intencional, nunca por acaso. A leitura de um livro ilustrado é feita “por idas e vindas entre a mensagem do texto e da imagem” (Linden, 2011: 47), um se completa no outro e vice-versa.

A bem da verdade não somente se completam, pois o livro ilustrado é realmente fascinante e como tal vai além do simples e fácil. Texto e imagem podem se completar, ou podem se repetir ou até mesmo se contradizer. Ou seja, existe necessariamente uma relação significativa entre texto e imagem para a construção da narrativa, mas essa relação pode se dar de diferentes maneiras. No livro em questão, texto e imagem se complementam. Não é possível compreender toda a narrativa apenas lendo o texto.

Segue a transcrição do livro:

**Pode Pegar!** de Janaína Tokitaka (São Paulo: Boitempo, 2017)  
(capa) / (guarda) / (folha de rosto) / (página dupla só com ilustração)  
Psiu! Pode pegar!  
Agora sim!  
Ei, vamos brincar!

Pode pegar, se quiser!  
Agora sim!  
Vou pegar essa saia para voar que nem um super-herói!  
E eu vou usar essa calça para saltar pelas montanhas!  
(página dupla só com ilustração)  
Quem deixou vocês andarem desse jeito?  
Isso não pode, não!  
(página dupla só com ilustração)  
Cabrum  
Ei, pode pegar!  
Eu... adorei!  
(página dupla só com ilustração) / (texto sobre a autora) / (guarda) / (contra-capas)

Ler o texto de um livro ilustrado assim solto se assemelha a ler as legendas de um filme sem ver suas imagens... Podemos imaginar uma história, temos aí um roteiro, mas certamente não é possível visualizar toda a narrativa criada pela autora apenas a partir do texto. É incompleto e insuficiente.

Pela voz das crianças, em uma conversa depois da leitura, podemos saber um pouco mais sobre a história. São crianças de 7 anos e seus nomes foram trocados (assim como todos os nomes citados nas conversas seguintes):

Daniel: ela deixa ele pegar tudo. E ele deixa ela pegar tudo. Eles brincam juntos com as coisas que eles pegam, com as roupas.  
Bianca: eu entendi porque chama “Pode pegar”, porque eles falam “pode pegar isso aqui, pode pegar aquilo ali, pode pegar”.  
Sonia: depois o pai da menina e do menino ele vai lá e fala que não pode trocar de roupa. Aí o menino fala pro pai que pode pegar, aí o pai gosta e vai brincar com eles.

### **3. Sobre a experiência da conversa com as crianças**

Por esse breve relato sobre o livro, já é possível perceber que muitas coisas foram contadas na história através das imagens, ideias que não foram passadas pelo texto, mas pelo todo, pela relação entre texto e imagem. É tudo oferecido às crianças sem que precise ser feito um discurso em palavras, sem que haja a defesa de uma ideia, de um conceito. É uma história que abre possibilidades.

E assim, a partir da leitura do livro, a provocação acontece:

(4 anos)  
Célia: eu gostei da parte do final, de todo o final. O menino vestido de sapato e com a roupa que a menina tava usando e de saia, ninguém, nenhum menino usa isso.  
Paulo: eu achei mais engraçado esse, que ele colocou a roupa, a saia.  
Eu: e por que é engraçado isso, Paulo?  
Paulo: porque daí ele vai ao balé assim! (*risos*)

Célia: ele parece uma bailarina.

(7 anos)

Louise: eu achei engraçado aquela parte que aquele adulto ta vestido de menina.

Eu: essa parte aqui? O que você acha que é engraçado?

Louise: porque o adulto ta engraçado! Porque ele ta usando roupa de menina e ta com saia, eu achei engraçado!

Eu: você acha que aqui ele ta melhor, nessa parte aqui ele ta melhor? (Figura 3)

Louise: sim, ele ta com a roupa melhor.

Professora: por que você acha que a roupa dele ta melhor?

Louise: porque com a roupa de menina que ela ta usando, ele não tava mais parecendo adulto. E também não ta parecendo menino mais.

Eu: ta parecendo o que?

Louise: uma menina!



**Figura 3.** Tokitaka, 2017: 23

As crianças se perguntam, afinal, o que é que pode e o que não pode.

(5 anos)

Flávia: e esse casaco é de menina!

Eu: ele não pode usar o que é de menina?

*Alguns dizem “não”, outros murmuram em dúvida.*

Eu: o que você acha, Jô? Você acha que pode? *(ela acena que sim)* Pode. Se ele quiser brincar ele pode?

“Sim”

Junior: pode!!! Até uma menina pode emprestar coisa de menina pra um menino.

Eu: ela pode pegar as coisas do menino?

Junior e outros: pode! Coisa de menino pode!

Flávia: nãaa...

Chico: só ela pedir, só o menino deixar.

Junior: menina pode usar coisa de menino? Pode. Menino pode usar coisa de menina? Pode!

Chico: também precisa pedir.

(4 anos)

Célia: ele parece uma bailarina.

Eu: e menino não pode também ser bailarino?

Theo: pode! Tem meninos que são bailarinos.

Paulo: pode, porque existem, alguns desses que é menino, eles fazem balé mas eles são meninos.

Sofia: ele ta parecendo uma menina.

Valéria: e menino pode usar coisa de menina.  
Lala: é verdade que menino pode usar coisa de menina.

Trazem suas convicções e referências de vida, reforçam o que já entendem como verdade, como o mundo tem sido apresentado a eles:

(4 anos)  
Eu: o que você gosta dessa parte?  
Lúcio: eu gostei porque ela dividiu, ela fez bom com ele.

(5 anos)  
Flávia: e o salto alto  
Eu: que que tem o salto alto?  
Flávia: que é de menina!  
Eu: é de menina?  
Flávia: É!  
Chico: e ele ta com fantasia de menina, sapato alto é de menina  
Pietro: meia longa é de menina  
Flávia: e esse casaco é de menina!

Relacionam a história com outras situações já vividas, livros lidos, imagens vistas, trazendo suas referências anteriores que vão ajudá-los a refletir e elaborar significados:

(7 anos)  
Rose: um dia eu levei um livro que tava falando a mesma coisa, que subir na árvore não era coisa de menina, que menina tem que ser bonita. Aí também tava falando que menina não pode jogar futebol.  
Eu: e o que você acha disso?  
Rose: eu jogo futebol.  
Juca: o amigo do meu irmão tem o cabelo até aqui.  
Louise: na TV eu já vi um moço usando roupa de menina.  
Rose: a minha tia tem o cabelo bem curtinho ela tem o cabelo que nem o do Paulo.  
Loreta: eu também já vi uma mulher vestida com roupa de homem.  
Leo: meu pai tem um amigo que ele tem o cabelo comprido.

Rose: um dia eu e meu irmão mais velho a gente tava brincando que eu era ele e ele era eu, aí eu vesti a roupa dele.  
Professora: e ele vestiu a sua?  
Rose: não cabe nele, mas ele tentou vestir, ficou até aqui.  
Dudu: um dia eu, o Paulo e a Malu a gente foi na casa da Rose aí a gente pegou roupa dela e vestiu e a gente brincou.  
Malu: a gente vestiu até de salto alto.  
Dudu: a minha mãe, a mãe do Paulo e a mãe da Malu tavam lá e a gente desceu pra mostrar pra elas.

Na conversa após a leitura as crianças expõem suas próprias ideias e no encontro desses mundos pessoais começam a relativizar e ressignificar conceitos:

(5 anos)  
Eu: ele não pode usar o que é de menina?



*Alguns dizem “não” outros murmuram em dúvida.*

Flávia: pode sim, ah pode sim, porque o meu tio, ele usa brinco, é de menina!

Eu: brinco é de menina?

Flávia: é!

Eu: e o seu tio usa, e ele é menina? E quem disse que brinco é coisa de menina?

Flávia: e o meu pai ele usa colar!

Eu: colar é só de menina?

Algumas crianças: não...

Flávia: é!

Ivan: não, eu uso colar.

*Flávia continua dizendo que colar é só de menina, mesmo alguns meninos dizendo que também usam.*

Ivan: os meninos usam coisa no pescoço.

Flávia: os meninos podem usar de ouro.

(7 anos)

Fernando: mas tipo, não é certo ele pegar o salto alto e sair andando pela rua.

Eu: o que que não é certo? Por que ?

Fernando: porque daí vão ficar rindo que ele ta usando salto alto.

Eu: e quem que ta errado, quem ta rindo ou quem ta usando salto alto?

Daniel: quem ta rindo!

Fernando: quem ta rindo, porque alguém pode gostar de usar salto alto e ficam rindo dele... né?

Eu: então não é certo usar salto alto ou não é certo rir de quem usa?

Fernando: não é certo rir e usar também, os dois.

Contrapondo visões de mundo diferentes, participam juntos de uma nova possibilidade de construção de sentido:

(5 anos)

Carlos: é que eles trocaram de roupa

Eu: ta errado o que eles fizeram?

*Junior, convicto, grita “Não” e em seguida a Flávia diz “sim!”*

Eu: ta errado, Flávia?

Junior: não!

Flávia: porque o menino pôs a roupa da menina e a menina pôs a roupa do menino.

Junior interrompe: mas pode!

Flávia emenda: pode...

Junior: então isso não ta errado, ta certo. Pode!

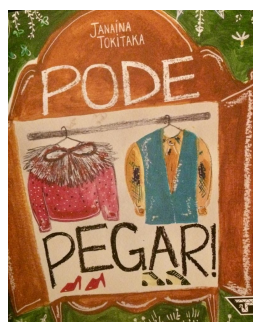
Eu: por que você acha que pode?

Junior: eu já vi menino usando coisa de menina, e eu já vi menina trocando com coisa de menino.

(7 anos)

Eu: No começo vocês não têm nenhuma dúvida que é um menino e uma menina?

Chico: volta naquela página que tá escrito “Pode pegar” (*início do livro, guarda roupa onde aparecem só as roupas*) (Figura 4). Então, tem uma roupa de menino e de menina, o menino ta vestindo aquela roupa de menino e a menina ta vestida com aquela roupa de menina.



**Figura 4.** Tokitaka, 2017: 3

Professora: mas o que é uma roupa de menino e de menina, como você sabe?  
*Eles ficam em dúvida, falam juntos ao mesmo tempo, respondem:* porque menina usa saia e menino usa roupa.

Alana: eu não acho que um é menino e outra é menina, podem ser os dois meninos ou os dois meninas, por causa que nem sempre se ta usando saia é menina, tem uns homens que usam saia.

Lucia: Não dá pra saber. Ainda mais que é um livro que eles trocam de roupa, então da pra confundir.

Alana: pra mim existe um tipo de roupa que é pra menino e pra menina, não existe um tipo de roupa que é só pra menino, não existe um tipo de roupa que é só pra menina.

(7 anos)

Eu: vocês acham um pouco esquisito, ver um homem com o cabelo muito comprido ou vestido de saia?

*Falam juntos* “não, não”, e alguns murmúrios incompreensíveis.

Eu: você acha médio, Leo?

Dudu: hoje mesmo eu vi.

Professora: por que você acha médio, Leo?

Leo: porque... ah porque as pessoas podem vestir o que elas querem (*confuso*)

Malu: é normal, porque é o estilo da pessoa.

Dudu: é o gosto dela.

*A democracia da palavra compartilhada implica... o encontro intersubjetivo de vontades que aceitem o outro em sua diferença e estejam dispostas a enriquecer a vida, a leitura e a própria visão de mundo com essa diferença, mesmo que não concorde com ela. Construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual.* (Bajour, 2012: 25)

#### **4. Sobre as dúvidas que me ocorreram ao pensar a experiência com as crianças**

Se a mediação começa com a escolha criteriosa, quanto a isso fiquei tranquila, pois apresentei a eles um bom livro ilustrado, com possibilidade de completar-se na mente do leitor. Um livro capaz de criar situações que possam proporcionar experiências.

O segundo passo é abrir-se para escutar a criança, “esses seres selvagens que não entendem nossa língua” (Larrosa, 2007: 186). Como adiantei no início do meu texto, não posso negar que já fui para a leitura com a intenção de provocar, partindo de um

posicionamento crítico quanto à forma como lidamos socialmente com as diferentes identidades de gênero. Minha escolha traz o desejo de mexer nas convicções de uma sociedade patriarcal, provocar as convenções sociais de definição e designação de gênero.

Ao pensar a experiência que tive com as crianças, questionei minha abertura para recebê-los como um enigma, se fui capaz de dar a eles a oportunidade de ser diferente, se realmente me abri para a alteridade sem controle do sentido da leitura.

É impressionante o quanto é difícil abrimos mão desse controle, desse exercício de poder. Acreditar na escuta, simplesmente. Confiar que não existe de fato uma leitura oficial para um livro e que leitores diferentes podem ter diferentes interpretações para uma mesma obra. E ainda, que podemos ter uma conversa sem necessariamente chegar a alguma resposta, podemos deixar perguntas em aberto, como verdadeiros enigmas que apresentam possibilidades de caminho.

*Eu gosto muito da palavra enigma porque os enigmas são também a forma pela qual se respondiam a certas coisas. Nos tempos gregos, os sábios nos davam um enigma. Então, vamos caminhando e pensando. Não é uma resposta e sim um caminho. (Goldin, 2013: 97)*

Saí de cada conversa animada pelas ideias levantadas, pelo envolvimento das crianças com o tema e por cada exposição pessoal sincera, mas sentia no fundo uma pontinha de fracasso. Sentia na pele a dificuldade de abrir mão do controle. Não consegui fugir de algumas perguntas que acho ruins, com palavras que trazem um julgamento moral para a história, como “*Ta errado o que eles fizeram?*” ou “*Você acha que o adulto estava melhor com a roupa de menino?*”.

Além disso, me flagrei sendo surpreendida por uma abertura na interpretação na qual eu mesma não havia pensado. Pra mim estava dado que no começo da história eram um coelho menina e um coelho menino brincando de trocar de roupa, que o jogo começava depois da definição dos gêneros. Mas uma das turmas de 7 anos colocou isso em questão:

Eu: e aqui no começo da história vocês acham que podem ser dois meninos?

*Alguns dizem que não, Alana e Lucia dizem que sim, pode.*

*Um menino diz que o menino pode estar usando roupa de menina.*

Alana: por causa que eles estão trocando um monte de coisa, vai ver é um menino e o que ta de preto é uma menina, daí eles trocam muito a roupa...

Eu: pode ser que eles já trocaram antes?

Alana: é!

Fiz a pergunta esperando uma resposta específica, e fui surpreendida por algumas crianças que trouxeram referências ainda mais abertas do que eu mesma acreditava que

estava sendo. Pois o próprio fato de ter sido surpreendida, confirma que sim, estive aberta para receber as interpretações das crianças.

“Acredito que o mais importante de tudo é ter uma postura de perguntar e se surpreender.” (Bajour, 2013: 94). Fui surpreendida pelas falas das crianças, e isso confirma que sim, estive em postura de escuta.

Estar disposta à escuta e abrir-se para receber as crianças em sua alteridade, não significa estar neutra, zerada, apática, sem opinião ou intenção própria. Não se trata de lançar perguntas ao ar, ou simplesmente abrir mão da parceria no caminhar, pois que se construam sozinhos já que são mesmo como enigmas. Não, é preciso estar disposto ao diálogo, à troca, sem esquecer-se da responsabilidade de transmissão, responsabilidade de passagem (Bajour, 2013: 97), uma vez que estamos falando em formação de pessoas. Valorizar as perguntas que se abrem e também abrir-lhes perguntas. Não é o fato de eu ter a intenção de provocar uma reflexão sobre definições sociais de gênero, que tiraria o mérito da minha abertura para a escuta.

Isso posto, apresento o final da conversa, feita somente com as duas turmas de 7 anos, em que perguntei a eles qual das imagens eles consideravam mais livre e mais divertida, do início ou do final (figuras 5 e 6):



**Figura 5.** Tokitaka, 2017: 4, 5



**Figura 4.** Tokitaka, 2017: 32

(7 anos)

Eu: qual dos dois jeitos vocês acham mais livre (*começo ou final*)?

Lucia: final, mais livre é ser só criança.

Eu: qual dos dois jeitos vocês acham que é mais divertido?

Todos: Esse! (*final*)

Fernando: esses (*começo*) são mais sem graça porque eles não estão brincando os dois juntos.

Lucia: é meio chato ficar ... não sei dizer... (*está há tempos engasgada*) fica com tédio... não ser livre é meio chato.

(7 anos)

Eu: qual dessas duas imagens vocês acham mais divertida (*começo ou final*).

Crianças: essa, essa!

Eu: todo mundo acha a segunda?

Heloísa: é porque essa daqui eles tão fazendo coisa, a outra eles tão parados, fazendo nada. Aqui tem mais cor, eles tão se divertindo mais.

Malu: e também eles tão animados com as outras roupas.

Eu: se cada um estivesse com a sua roupa, eles estariam se divertindo tanto?

Paulo: não.

...pausa...

Foi uma pausa breve, mas que até então não havia acontecido, tamanho era o envolvimento de todos com a conversa. Nesse momento lembrei que não precisamos encontrar respostas.

Eu: fica uma pergunta, né?

Malu: iam, mas quando eles trocam de roupa fica mais divertido porque assim quando você olha o seu amigo com essa roupa depois você vê ele com outra roupa é divertido.

Paulo: mais engraçado.

Eu: e qual delas é mais livre? Com essa roupa ou com essa roupa?

Todos: essa (*a segunda*)

Malu: porque às vezes tem mãe que só deixa filho usar roupa de menino, a menina só pode usar roupa de menina. Mas quando a mãe deixa é mais livre porque assim eles vão estar num outro tipo de roupa.

Heloísa: porque eles podem escolher de menino ou de menina.

Em cada turma teve uma ou duas crianças que manifestaram maior estranhamento com a proposta do livro, e com isso trouxeram diversidade de impressões para a conversa. Louise estava ansiosa por se colocar, pois para ela a diversão da última imagem não estava vinculada com a troca de roupas. É uma criança que fala baixo e pausadamente, muitas vezes demora para conseguir a palavra em meio a tantas vozes mais altas que a dela, mas ela não desiste de se colocar:

Louise: se eles tivessem com a mesma roupa ia ficar legal a imagem porque o que eles se animaram foi o fundo.

## **5. Concluindo, o que tudo isso contribui para a mediação de leitura**

Há muitos anos trabalho com mediação de leitura nessa mesma escola. Faço a escolha dos livros com dedicação, certa de que minha seleção já é um significativo início na mediação. Após a leitura, estar aberta à escuta, abrindo mão de controlar o sentido e a interpretação, confiando no texto e nos leitores é uma busca infundável, um caminho a ser percorrido dia após dia.

Confrontar a necessidade da escuta na mediação de leitura com a responsabilidade de receber abrindo-se para a alteridade da infância, colocada por Larrosa, ampliou ainda mais meu horizonte e expandiu minhas fronteiras.

*A educação é a forma com que o mundo recebe os que nascem. Responder é abrir-se à interpelação de uma chamada e aceitar uma responsabilidade. Receber é criar um lugar: abrir um espaço em que aquele que vem possa habitar; pôr-se à disposição daquele que vem, sem pretender reduzi-lo à lógica que impera em nossa casa. (Larrosa, 2007: 188)*

É preciso estar diante da criança como diante da possibilidade de renovação do mundo e da descontinuidade do tempo, a possibilidade de uma novidade radical, que interrompe a segurança do mundo. Não se trata de dizer quem é melhor, quem sabe mais, mas sim de olhar a diversidade, somos infinitamente diversos e isso não acaba, não chega ao fim. A infância portanto não deve ser tratada como a continuidade de um projeto de mundo já existente, onde a prepotência do saber destrói a exuberância da vida.

Vivemos tempos sombrios, tempos de intolerância e radicalismos. Pra todo lado e a todo momento testemunhamos violência e agressão geradas pela simples coexistência de ideias opostas e posicionamentos diversos. Nesse contexto mais do que nunca é preciso nos manter atentos e dispostos no sentido da escuta, da possibilidade de abertura. Dou-me conta que o exercício da abertura para a escuta é profundamente necessário para a prática da mediação de leitura assim como para toda a prática educativa e existencial.

Como li em entrevista com Cláudio Thebas, amigo palhaço e também educador, autor do livro *O Palhaço e o Psicanalista em parceria com o psicanalista Christian Dunker*:

*Quanto mais toda a comunidade [escolar] se reúne em torno de suas inquietações, mais se fortalece. Quanto menos certezas tiver, mais buscas acontecerão e a sala de aula tem de ser ambiente de dúvidas e perguntas. As certezas soterram o espaço para que a escuta aconteça. (Thebas, 2019)*

Termino minha reflexão na certeza de que é preciso nos manter próximos das incertezas. Desejo a toda educadora e todo educador e especialmente aos mediadores e mediadoras de leitura, que se mantenham em eterno questionamento e abertos à alteridade da infância.

Sigamos em busca. Busca infinita da ressignificação de conceitos, renovação de valores, mudança de paradigmas. Somos e vivemos em um mundo em movimento e em constante transformação.

## **Referências**

- Bajour, Cecília (2012) *Ouvir nas Entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012. ISBN: 978-85-64974-23-4
- Bajour, Cecília; Goldin, Daniel (2013) *in Crianças e jovens no século XXI: leitores e leituras*. São Paulo: Livros da Matriz, 2013. ISBN: 978-85-66344-12-7
- Benjamin, Walter (1994) *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. ISBN: 85-11-12030-0
- Freire, Paulo (2019) *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. ISBN: 978-85-7753-164-6
- Larrosa, Jorge (2007) *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. ISBN: 978-85-86583-36-0
- Larrosa, Jorge (2002) *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: ANPED; Campinas: Autores Associados, n. 12, 2002.
- Lee, Suzy (2012) *A Trilogia da Margem: o livro-imagem segundo Suzy Lee*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. ISBN: 978-85-405-0185-0
- Linden, Sophie Van der (2011) *Para Ler o Livro Ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. ISBN: 978-85-7503-937-3
- Thebas, Cláudio (2019) *Christian Dunker e Cláudio Thebas falam sobre a importância da escuta no ambiente escolar*. Disponível em <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/christian-dunker-e-claudio-thebas-falam-sobre-a-importancia-da-escuta-no-ambiente-escolar/>
- Tokitaka, Janaína (2017) *Pode Pegar!*. São Paulo: Boitempo, 2017. ISBN: 978-85-7559-539-8